

# ENSINANDO ADULTOS NA ESCOLA DOMINICAL: ENTENDENDO COMO ELES APRENDEM

Pr. César Moisés De Carvalho – RJ

## RESUMO:

Como os adultos aprendem? Será que é a partir de um modelo unívoco? Ou cabe a sensibilização para compreender essa diversidade presente em nossas igrejas locais? O que o professor da Escola Dominical, juntamente com a superintendência, pode fazer para alcançar as necessidades desses adultos diversificados? É o que o seminário objetiva debater.

**Palavras-chave:** Adulto; Educação; Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

Na discussão acerca de como os adultos aprendem o educador precisa encarar a mais cristalina das verdades da educação, sendo a primeira delas a regra áurea da didática: o aluno aprende se quiser. E isto não significa, em hipótese alguma, transferir a responsabilidade da aprendizagem para o aluno, mas reconhecer que ele só se interessará pelo conteúdo à medida que este lhe fizer sentido. Tal é ainda mais assim em se tratando de adultos que possuem uma larga experiência de vida, têm diferentes perspectivas no que diz respeito à prontidão em aprender e em relação ao tempo. Sendo assim, é necessário pensar acerca da educação de adultos e de como eles aprendem.

## I - O FENÔMENO EDUCATIVO E A ANDRAGOGIA

Um dos fenômenos mais comuns do ser humano e, tido por alguns, até mesmo como definidor e condição da nossa humanidade é a capacidade de aprender.<sup>1</sup> Nisto reside a importância e a obrigatoriedade, de o educador conhecer como se dá o fenômeno educativo. Propor tal conhecimento parece ser algo desnecessário, pois muitos pensam que aprender é algo óbvio, orgânico e automático. Assim, a despeito da "naturalidade" que temos com o ato de aprender, o chamado "problema do conhecimento" até hoje encontra-se inconcluso pelo fato de sermos seres históricos e, por isso mesmo, inacabados. Como afirma Michael Lawson, "teorias de aprendizagem têm existido há centenas de anos. Mas a questão sobre como as pessoas aprendem permanece em parte sem resposta até hoje".<sup>2</sup> Como creio já ter dito em outra ocasião<sup>3</sup>, além da reconhecida dificuldade do assunto e do fenômeno em si, quando se trata de ensinar do ponto de vista cristão, é preciso acrescentar uma dose maior de complexidade, pois conforme ensina a tradição cristã, os efeitos da Queda se estendem para a cognição humana.

Não obstante tais desafios, a fim de desempenhar com qualidade e dedicação o papel de instruir as novas gerações, torna-se inadiável conhecer o processo de transmissão-assimilação ou ensino-aprendizagem. E tal se torna obrigatório pela verdade de que, como defende o pastor Antônio Gilberto, "podemos nos esforçar muito e ensinar pouco ou nada, se não soubermos ensinar".<sup>4</sup> E isso porque se não conhecermos os "fatores condicionantes do aprendizado, [e se não os levarmos] em consideração no ensino, o aproveitamento escolar será praticamente nulo, pois as leis do

ensino e da aprendizagem são universais e imutáveis, quer se trate do campo de ação secular ou religioso".<sup>5</sup>

Como um fenômeno essencialmente humano, é curioso pensar no fato de que o processo educativo não se dá de maneira uniforme como simplistamente é encarado. Partir do princípio de que todos aprendem de forma homogênea revela não apenas desconhecimento do fenômeno educativo, mas também demonstra que não se está realizando com êxito a tarefa de ensinar. Entender como se dá o fenômeno educativo e, como o ser humano aprende, leva o educador a reconsiderar sua didática e a forma como comumente ensina. Nesta questão surge a pergunta como o ser humano aprende em suas distintas faixas-etárias ao longo da vida. Tal não se refere ao trabalho de transmissão-assimilação do saber e nem aos processos mentais que certamente são os mesmos, mas diz respeito às motivações para aprender, bem como a forma e o conteúdo. Dessa forma, já é de amplo conhecimento que adultos aprendem de forma diferente de crianças e adolescentes, pois como defende Kenneth Gangel: **1)** Eles aprendem por iniciativa própria e **2)** Querem saber a importância de aprender determinado assunto.<sup>6</sup>

Tal campo de estudo, segundo especialistas da área, pertence à chamada "andragogia". Termo "cunhado em 1833 pelo professor da escola alemã Alexander Kapp", diz Gangel, e que "entrou nos sistemas educacionais europeus até que, em 1954, o professor T. T. Ten Have realizou conferências e escreveu sobre andragogia nos Países Baixos"<sup>7</sup>. Entretanto, foi com Malcolm Knowles, educador norte-americano, que a andragogia ganhou o mundo. Inicialmente o referido educador opunha andragogia à pedagogia, mas posteriormente as concebeu como partes de um mesmo processo sendo que a primeira continha os pressupostos necessários para a segunda.

## **II. - TEORIAS DA APRENDIZAGEM E SINERGIA**

Falar acerca desse tema é um desafio. Isso não apenas se tratando de teoria do conhecimento ou epistemologia, como é mais conhecida nos círculos filosóficos.<sup>8</sup> Em questão de aprendizagem ou de teorias da aprendizagem, são inúmeras as possibilidades aventadas pela psicologia. As chamadas "leis da aprendizagem", de acordo com Álvaro Cabral e Eva Nick, referem-se às várias "generalizações ou princípios que procuram formular as condições em que a aprendizagem ocorre, salientando a existência de relações ou conexões empiricamente estabelecidas entre certas condições antecedentes e as transformações no desempenho de uma tarefa". Segundo os mesmos autores, os "psicólogos interessados na investigação da aprendizagem recorreram a diferentes procedimentos, entre os quais se destacam o *condicionamento (clássico e operante)*. A *memorização*, a *introvisão* e o *hábito*".<sup>9</sup>

É por isso que, em psicologia existe, por exemplo, várias definições para aprendizagem - "Processo através do qual se adquire a capacidade de responder adequadamente a uma situação que pode ou não ter sido encontrada anteriormente (Warren). Processo de 'ver' por dentro (insight) uma situação (Gestalt). Mudança do comportamento em virtude de experiências passadas (Funcionalismo). Aumento na força de uma reação como produto da prática reforçada. Mudança relativamente permanente na

potencialidade de uma resposta, que ocorre como resultado da prática reforçada (Hilgard e Marquis)"<sup>10</sup> -, pois esta depende da linha que o psicólogo segue para conceber o ser humano.

Pensando em teorias da aprendizagem, Nick e Cabral mencionam nove: "(a) *Aprendizagem por ensaio-e-erro*, de Thorndike; (b) *Teoria dos Fatores da Aprendizagem*, de McDougall; (c) *Teoria do Condicionamento Operante*, de Skinner; (d) *Teoria do Condicionamento Contínuo*, de Guthrie; (e) *Teoria Matemático-Dedutiva*, de Hull; (f) *Teoria da Aprendizagem Intencional* de Tolman; (g) *Lei da Aprendizagem Dual*, de Mowrer; (h) *Teoria da Aprendizagem Cognitiva*, de Piaget; (i) *Teoria da Atitude de Aprendizagem*, de Harlow".<sup>11</sup> Isso sem falar na conhecida *Teoria da Aprendizagem Significativa*, de David Ausubel e na *Teoria Sócio Interacionista* de Vigotski.

A discussão acerca das teorias da aprendizagem poderia se estender muito mais, porém, por absoluta falta de espaço e a fim de simplificar, vale recorrer à opinião de Morris L. Bigge, colocada em sua obra *Teorias da Aprendizagem para Professores*<sup>12</sup>, citada por Michael Lawson: "Os desenvolvimentalistas estão num campo, enquanto os partidários do estímulo-resposta estão no outro, ambos encrespando a opinião um do outro.

Os dois princípios fazem contribuições à nossa compreensão de como as pessoas aprendem. Mas nenhum sintetiza por completo nossa compreensão do processo de aprendizagem. Para o benefício dos alunos, os professores devem cooperar com o processo de aprendizagem para obterem melhores resultados". Lawson, porém, faz uma observação de que "no ensino cristão, até certo ponto, os resultados sempre serão impossíveis de prever". Isso porque, ao crente, "muitas perguntas sobre a verdade espiritual complicam ainda mais as teorias de aprendizagem".<sup>13</sup> Duas dessas questões são: "A verdade espiritual é por natureza diferente de outra verdade? A verdade espiritual precisa ser apreendida por um mecanismo distinto dos sentidos normais?".<sup>14</sup>

Fato é que, como afirma David Edwards, uma vez que as "teorias de aprendizagem divergem não apenas em sua concepção do 'como'", mas a própria "natureza do conhecimento em si [também] é uma questão", torna-se obrigatório pensar acerca de uma dialética entre as concepções de "ensino como ciência" (desenvolvimentalista) e "ensino como arte" (cognitivista). Concebido dessa forma, "o ensino pode ser descrito como arte que requer o talento artístico em prática, fundamentado em sólida base científica", isto é, a atuação docente "na sala de aula é um contínuo desafio para utilizar os achados da pesquisa, exceto para aplicá-los com criatividade nas demandas específicas de cada contexto único do ensino/aprendizagem".<sup>15</sup> Assim, conclui-se que "os métodos não são equivalentemente eficazes para todos os professores: parte da arte de ensinar reside no descobrimento dessas estratégias mais apropriadas para um contexto específico do professor, aluno e lição". Antes de se escolher determinado método ou abordagem teórica de aprendizagem, é preciso analisar a "intenção instrutiva, o ambiente físico, os recursos - [pois] estes e muitos outros fatores entram na decisão de usar uma abordagem de ensino em particular".<sup>16</sup> Finalmente, é preciso atentar para o aspecto mais importante do processo educativo: Como o aluno aprende? Não o aluno ideal, mas o aluno específico, real, de sua classe, aquele com quem você convive e cuja presença desafia as teorias de

aprendizagem. Em termos andragógicos uma nova abordagem tem sido proposta.

Desenvolvida com o avanço dos estudos em andragogia, segundo Gangel, a "sinergogia é o 'ensino centrado no aluno que aplica os princípios da andragogia para perscrutar situações de aprendizagem do grupo'".<sup>17</sup> Sua diferença principal em relação a "outras abordagens de ensino", diz o mesmo autor, é que a sinergogia "substitui as figuras de autoridade pelo desígnio da aprendizagem e capacita os alunos a tornar-se participantes proativos com responsabilidade pela própria aprendizagem".<sup>18</sup> Além disso, a ideia é que os adultos aprendam em cooperação com os seus pares, pois com a chegada da idade é preciso, o quanto antes, que se aprenda a trabalhar em grupo e, conseqüentemente, saiba dividir tarefas e partilhar responsabilidades. Aliado a esse aspecto existe ainda a questão da dependência do outro que, a despeito de ser preciso em toda a existência, revela-se mais urgente na vida adulta e na fase da melhor idade.

### **III - COMPREENDENDO COMO ADULTOS APRENDEM: ANDRAGOGIA E SINERGOGIA**

Desenvolvimentista e concebendo a "andragogia como um 'modelo de processo'", diz Kenneth Gangel, Knowles defende que a andragogia "se concentra no que acontece *durante* a aprendizagem e não no conteúdo".<sup>19</sup> Assim, de acordo com Knowles, a andragogia se divide em sete estágios:

- 1. O estabelecimento de um clima conducente à aprendizagem.** O objetivo deste primeiro estágio serve para manter uma atmosfera física e mental que estimule participação e aprendizagem em todos os níveis.
- 2. Criação de um mecanismo para planejamento mútuo.** Aqui encorajamos o aluno a se envolver com o professor na determinação do modo da comunicação que melhor conduza à participação em comum no processo.
- 3. Diagnose das necessidades para a aprendizagem.** Tanto as necessidades individuais quanto as coletivas devem ser tratadas; não só "sentidas", mas cumpridas.
- 4. Formulação de objetivos de programa.** Este estágio ajuda a determinar o conteúdo do material que satisfará as necessidades identificadas no estágio 3.
- 5. Desígnio de um padrão de experiências de aprendizagem.** Logo que tenhamos determinado quais são as necessidades e como professor e aluno procurarão satisfazê-las mutuamente, um veículo deve ser escolhido para tornar essas metas atingíveis.
- 6. Administração de experiências de aprendizagem com técnicas e materiais satisfatórios.** Aqui acrescentamos a implementação do procedimento de aprendizagem.
- 7. Avaliação dos resultados da aprendizagem.** Durante este estágio final observamos como a implementação e a recepção do processo e conteúdo "funcionam na prática."<sup>20</sup>

Como os adultos já possuem uma experiência de vida que os permite fazer escolhas, o educador precisa se concentrar em três áreas imprescindíveis na educação que são os tipos de aprendizagem - *cognitivo*, *afetivo* e *conativo*.<sup>21</sup> Gangel diz que, "em termos quase simples demais, o *cognitivo* lida com que o estudante sabe, o *afetivo* com que ele sente e o *conativo* com que ele pode fazer".<sup>22</sup> Aqui está o segredo da sinergia: unir pensamento, sentimento e ação ou, nas palavras de Gangel, o educador deve estruturar "o processo de aprendizagem fornecendo uma estruturação de estágios ordenados para adquirir conhecimento, atitude e habilidades (cognitivo, afetivo e conativo)".<sup>23</sup> Para se atingir este alvo é preciso entender que os adultos precisam ser unidos em vez de colocados para competir, ou seja, deve-se "usar as 'relações de amizade' dos alunos com o propósito de aumentar a motivação".<sup>24</sup> Uma vez que na idade adulta a regra áurea da didática - "o aluno aprende se quiser" - revela-se ainda mais objetiva, é imperioso que haja motivação. A ideia é preparar cada aluno, individualmente. Para que ele se sinta motivado a atuar coletivamente.

Contudo, afirma Eugene Trester, citado por Gangel, "Números crescentes de educadores bíblicos de adultos estão convencidos de que precisam de preparação, uma certa quantidade de desaprendizagem, um bom conhecimento da teoria e uma rica experiência com a simplificação da aprendizagem reciprocamente dependente do adulto".<sup>25</sup> Será que estamos dispostos?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente seminário iniciou o debate acerca da educação ininterrupta e contínua que ocorre na fase adulta. Resta apenas saber se há voluntariedade suficiente para se continuar a busca por meios e técnicas mais eficazes para se atender a esta importante e perene fase da vida, pois nesta modalidade aprende tanto o educando com o educador, quanto o educador com o educando, pois ambos têm experiência de vida.

## NOTAS (ENDNOTES)

1 "Do nascimento em diante, aprender é um componente ininterrupto do amadurecimento. As crianças aprendem a reconhecer visões e sons e, mais tarde, a caminhar e falar. Costumes sociais são assimilados, habilidades básicas desenvolvidas; formalmente organizada ou informalmente alcançada, a aprendizagem contínua" (EDWARDS, David L. ***Uma avaliação das Teorias Contemporâneas de Aprendizagem*** in GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (Eds.). **Manual de Ensino para o Educador Cristão. Conhecendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.99).

2 LAWSON, Michael S. *Fundamentos Bíblicos para uma filosofia de ensino* in GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (Eds.). **Manual de Ensino para o Educador Cristão. Conhecendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.77.

3 CARVALHO, C. M. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã.** *Noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas.* 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p.209.

4 GILBERTO, A. *Novo plano de revistas da Escola Dominical.* **Mensageiro da Paz.** Ano LIII, nº 1151. Rio de Janeiro: CPAD, março de 1983, p.22.

5 Ibid.

6 GANGEL, K. O. **Ensinando adultos na Igreja** in GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (Eds.). **Manual de Ensino para o Educador Cristão.** *Compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão.* 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.172.

7 Ibid., p.180.

8 Acerca do conhecimento, um dos "temas mais recorrentes e sobre o qual foi manifestado razoável acordo entre filósofos modernos é o do caráter dualista do conhecimento, isto é, o fato de ele ser composto por dados dos sentidos, de um lado e, de outro, por conceitos ou qualquer espécie de esquema formal organizador daqueles dados" (BRANQUINHO, João; GOMES, Nelson Gonçalves; MURCHO, Desidério (Orgs.). *Enciclopédia de Termos Lógico-filosóficos.* 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.181).

9 CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia.* 11.ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p.28.

10 DORIN, Lanny. *Dicionário Ilustrado de Psicologia* in **Enciclopédia de Psicologia Contemporânea.** Vol.5, 1. ed. São Paulo: Iracema, 1984, p.28.

11 CABRAL, Á.; NICK, E. Op.Cit., p.28.

12 Edição brasileira de 1977, traduzida da edição original em inglês, datada de 1964.

13 LAWSON, Michael S. *Fundamentos Bíblicos para uma filosofia de ensino* in GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard O. (Eds.), **Manual de Ensino para o Educador Cristão.** *Compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão.* 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.77.

14 Ibid., pp.77-78.

15 EDWARDS, David L. Uma avaliação das Teorias Contemporâneas de Aprendizagem in GANGEL; Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (Eds.). **Manual de Ensino para o Educador Cristão.** ***Conhecendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão.*** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, pp.96-97.

16 Ibid., p. 109.

17 GANGEL, K. O. **Ensinando adultos na Igreja** in GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (Eds.). **Manual de Ensino para o Educador**

**Cristão.** *Compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão.* 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.181.

18 Ibid., p.181-182.

19 Ibid., p.180.

20 Ibid., p.181.

21 Ibid., p.173. "A palavra "conativo" é a forma adjetiva de 'conação', substantivo que descreve 'o ato de tentar' cujo segundo, significado chega mais próximo do ponto – "agir premeditadamente". (Ibid.).

22 Ibid.

23 Ibid., p.182.

24 Ibid.

25 Ibidem.